

Ondas de miséria invadem o Plano-Piloto de Brasília

Brasília / Foto de José Varella

Brasília — A paisagem quase asséptica da Capital do país não existe mais. As ondas migratórias de miséria também chegaram ao Plano Piloto traçado por Oscar Niemeyer, derrubando a redoma protetora da cidade, que há 25 anos banuiu os operários que a construíram para a periferia, dando origem às cidades-satélites do Distrito Federal e a bolsões de pobreza.

Hoje, pessoas esfomeadas rondam os bares do Plano Piloto, desempregados percorrem as quadras comerciais, camelôs ocupam os vãos das galerias nos setores bancários, crianças maltrapilhas perambulam na Esplanada dos Ministérios, prostitutas e travestis disputam freguesia nos estacionamentos de carros, mulheres com crianças no colo mendigam em qualquer ponto da cidade e barracos feitos de pedaços de pau e lata proliferam nos terrenos baldios das superquadras.

No gabinete do secretário de Serviços Sociais, Osmar Alves de Melo, um grande mapa indica, em manchas verdes, os pontos das invasões do Distrito Federal, quase 50; só no Plano Piloto, são 14. De acordo com levantamento de 1983, cerca de 1 mil 200 famílias viviam em condições precárias de moradia exatamente nas 14 invasões. Mas estavam mais perto do local de trabalho e com melhor acesso a equipamentos comunitários no Plano Piloto.

Esses invasores integravam, antes de se aglutinarem, um contingente de 6 a 7 mil favelados, distribuídos de forma dispersa e ocupando principalmente lotes de propriedade particular, superquadras ainda vazias, obras paralisadas, áreas de uso público e as margens de pequenos córregos que deságuam no lago. Algumas famílias ainda moram debaixo de pontes e viadutos do Plano Piloto.

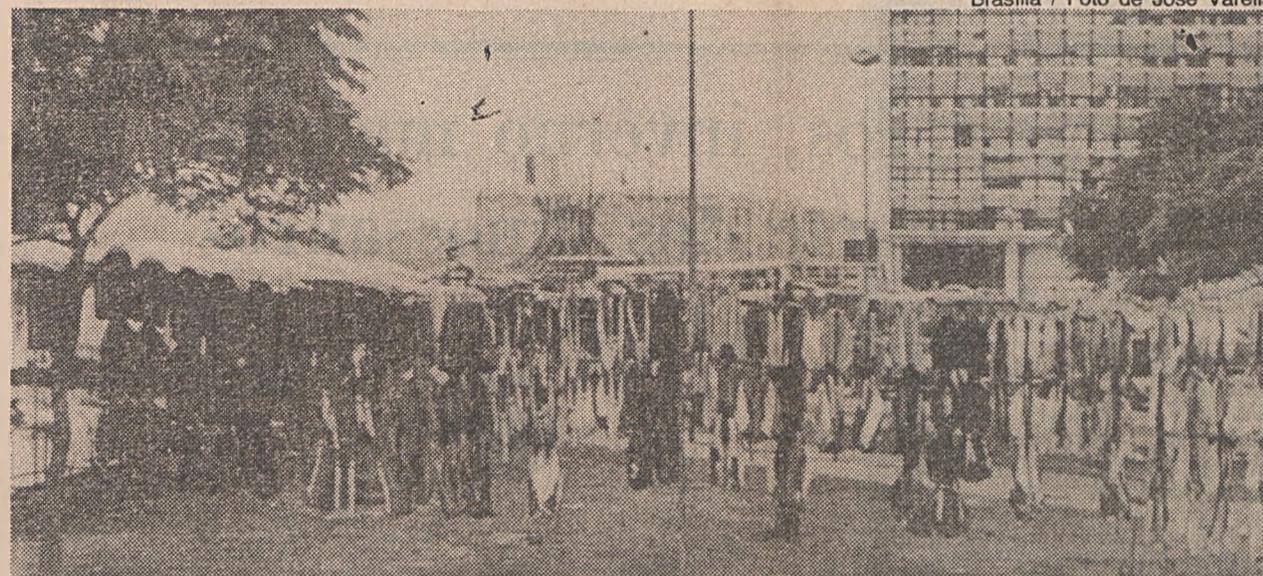
Osmar Alves de Melo calcula que essa população tenha crescido 15% ao ano e pelo menos metade está instalada na chamada invasão do CEUB (tendo como referência um colégio de 2º grau e uma universidade de Brasília), que se estende por quase quatro quilômetros, equivalente à metade da Asa Norte. Outra invasão já vem-se formando no espaço ainda vazio da futura superquadra 214 Norte.

A invasão do CEUB é a maior e, aparentemente, a mais organizada do Plano. Abriga 560 famílias em seus 400 barracos. No final de 1984, foram criadas duas associações de moradores na área — Nova União e Vila Nova — demonstrando, segundo análise da Gerência de Habitação da Secretaria de Serviços Sociais, que os moradores pretendem permanecer na região, "organizando-se e reivindicando melhorias da qualidade de vida".

— Aqui não pagamos aluguel e meu barraco fica perto do trabalho. Para quê sair e ficar em uma favela da periferia? — raciocina Pedro Jorge Couto, mecânico, 25 anos, morador da CEUB.

O Governo do Distrito Federal não possui dados comparativos que demonstrem, oficialmente, o crescimento das invasões e favelas, especialmente no Plano Piloto. Há quatro meses, o governador José Aparecido instalou um grupo consultivo de política habitacional. Uma solução prática seria a política de assentamento que a administração anterior promoveu, transferindo cerca de 3 mil famílias para pequenas casas populares na periferia, nos últimos quatro anos, mas o problema é que as invasões crescem em proporção maior que os assentamentos oficiais.

A última grande remoção ocorreu há quase 15 anos, quando a extinta Comissão de Erradicação de Invasões (CEI), da Secretaria de Serviços Sociais, transferiu os 15 mil habitantes da invasão do IAPI, na saída sul do Plano Piloto para os arredores de cidade-satélite de Taguatinga. Em homenagem à comissão, a nova cidade passou a se chamar Ceilândia e hoje é habitada por mais de 350 mil pessoas.



No centro nervoso de Brasília, os camelôs expõem as mercadorias penduradas no varal

A feira livre na cidade do futuro

Brasília — Quando projetaram Brasília, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa imaginaram uma cidade arrumada, com cada coisa em seu lugar: bancos, lojas, casas e hotéis. Só que, em 25 anos, a população cresceu demais, o desemprego se acentuou e a espaçosa cidade de arquitetura arrojada acabou se transformando no paraíso dos camelôs.

Eles ocuparam o centro do plano-piloto de Brasília. No Setor Comercial Sul e na estação rodoviária — próxima à Esplanada dos Ministérios — armaram suas barracas nos gramados e alamedas, fazendo esse centro nervoso da cidade parecer uma imensa lavanderia, com as mercadorias penduradas num varal, ou em cima dos gramados, como se estivessem no quaradouro. Nesse cenário se instalou uma verdadeira feira-livre, onde predominam as roupas e as frutas.

A grande concentração de pessoas explica a presença de mais de 1 mil ambulantes no Setor Comercial Sul, onde funcionam escritórios, agências bancárias e restaurantes. As Lojas Americanas e um shopping center são os maiores concorrentes dos camelôs, que oferecem, no

entanto, farta variedade de mercadorias — roupas, bijuterias, calçados e frutas — a preços populares.

Como o de outras cidades, o comércio ambulante de Brasília deixou de ser uma atividade alternativa. Quem vende roupa, como a cearense Maria Livramento de Araújo, pode tirar por mês mais de Cr\$ 2 milhões, limpos. Se tiver imaginação, como Marta Frias Brito, 19 anos, que chegou do Rio há três meses, pode ganhar Cr\$ 10 milhões por mês. Marta abandonou o emprego de secretária, que lhe rendia Cr\$ 2 milhões 500 mil, adaptou uma pick-up Fiat e sai pela cidade vendendo cerveja, refrigerante e cachorro-quente.

A administração passada do Distrito Federal preocupou-se com a invasão dos camelôs. A fiscalização chegou a chocar os comerciantes regulares quebrando as barracas dos ambulantes e recolhendo as mercadorias. O próprio presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, Lindenberg Aviz Cury, se sensibilizou com o problema social, ajudou a fundar a Associação dos Vendedores Ambulantes e conseguiu a assinatura de

portaria regulamentando o funcionamento desse tipo de comércio.

Por essa portaria, assinada no ano passado, Brasília teria também seu camelódromo, onde se concentrariam os ambulantes para vender o que quisessem. Fora dessa área, jamais definida, só teriam permissão para vender calçados, bijuterias, armário e produtos comestíveis em barracas padronizadas, distantes 50 metros umas das outras. Nada disso até hoje foi posto em prática.

Os camelôs são responsáveis pela informalidade de uma cidade que pretendia ser funcional. Eles gritam slogans engraçados com os mais variados sotaques, cantam, fazem demonstração dos produtos, dão verdadeiros shows e acabam concentrando as pessoas em torno deles. O Setor Comercial Sul de hoje pode não ter nada a ver com os planos dos arquitetos, mas é um centro bem tropical, onde mulheres e homens bem vestidos andam pelas quadras tomando água de coco, comendo fatias de melancia e abacaxi, ou chupando manga e caju em volta de um carrinho de mão.